



## **ESCOLARIZAÇÃO DA LITERATURA: QUESTÕES DE ENSINO E RECEPÇÃO**

Mestranda Francerly Moreira Barreiro de Araújo

*Universidade Federal de Campina Grande. Email: [francerlym1@hotmail.com](mailto:francerlym1@hotmail.com)*

Prof. Dra. Daise Lilian Fonseca Dias

*Universidade Federal de Campina Grande. Email: [daiselilian@hotmail.com](mailto:daiselilian@hotmail.com)*

Coautora Mestranda Márcia Rodrigues de Araújo

*Universidade Federal de Campina Grande. Email: [marcia\\_mae2@yahoo.com.br](mailto:marcia_mae2@yahoo.com.br)*

### **INTRODUÇÃO**

As práticas de leitura literária que atualmente se desenvolvem na escola são efetivadas a partir de um conjunto cristalizado de criações artísticas e intelectuais que aos indivíduos resta absorver e utilizar, através de análises fragmentadas de textos literários e audição e/ou pesquisa da biografia de autores renomados pelos currículos escolares. Essa é uma perspectiva que reifica a cultura de que estudar literatura não é prazeroso, com trânsito livre na escola, isto é, muito se ouve da insatisfação do aluno em ler, mas pouco é feito pela maioria dos professores de Língua Portuguesa, especialmente. Observa-se que em muitos casos, a literatura é encarnada por clássicos convertidos em exemplo de valores ideais, aos quais cabe o aluno se submeter sem discussão. Redirecionar práticas de leitura literária no espaço escolar é uma tarefa de construção de novas formas de lidar com o ensino e recepção do texto literário na escola.

No que diz respeito à presença da literatura no Ensino Fundamental, Cosson (2011, p. 21) afirma que:

[...] a literatura tem um sentido tão extenso que engloba qualquer texto escrito que apresente parentesco, com ficção ou poesia. O limite, na verdade, não é dado por esse parentesco, mas sim pela temática e pela linguagem: ambas compatíveis com os



interesses da criança, do professor e da escola, preferencialmente na ordem inversa. Além disso, esses textos precisam ser curtos, contemporâneos e divertidos.

Entende-se que os alunos precisam ser apresentados à literatura e esse papel deve ser consolidado pela escola. Contudo, esse encontro não deve ser apenas através de atividades desenvolvidas a partir da oscilação entre dois extremos: a exigência de domínio de informações sobre a literatura e o imperativo de que o importante é que o aluno leia, não importando bem o que. Por seu turno, é necessário que a escola adote metodologias de ensino da literatura que não se fundamentem no endosso submisso da tradição, na repetição mecânica de conceitos desgastados, mas que deflagre o gosto e o prazer pela leitura de textos, ficcionais ou não, e possibilite o desenvolvimento de um posicionamento crítico perante o lido e o mundo que o texto traduz.

Este artigo apresenta pressupostos teóricos que possibilitarão à escola repensar que se há muitas dificuldades quanto à formação de uma comunidade de leitores, não está na ausência de capacidade dos alunos, mas sim na falta de efetivação de práticas metodológicas que estimulem o saber e o sabor pela leitura de textos literários. Os PCN's (2001, pp. 36-38) orientam que:

É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento. Essa variável de constituição da experiência humana possui propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral de texto literário. A questão do ensino da literatura ou da leitura literária envolve, portanto, esse exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo particular de escrita. Com isso, é possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tratá-los como expedientes para servir ao ensino das boas maneiras, dos hábitos de higiene, dos deveres do cidadão, dos tópicos gramaticais, das receitas desgastadas do "prazer do texto", etc. Postos de forma descontextualizada, tais procedimentos pouco ou nada contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.



Para que esse objetivo seja alcançado é necessário que propostas de leitura e produção textual sejam desenvolvidas para viabilizar o incentivo à leitura. É importante que o professor tenha em mente que seu propósito é promover o letramento literário, mostrando ao seu aluno um caminho de leitura que poderá ser transposto para tantos outros textos que venha a ler no decorrer de sua vida escolar. Desse modo, a interpretação do texto precisa ser vista como um momento de resposta à obra, o momento em que o leitor sente a necessidade de dizer algo a respeito do que leu, de expressar os seus sentimentos em relação ao diálogo estabelecido entre autor e leitor.

A literatura não é apenas um sistema de obras que a tradição consagrou, mas ela existe no dia a dia da escola desde a alfabetização. No caso da literatura escrita, com seu caráter polissêmico e lúdico; antes disso, no caso da literatura oral, com presença marcante e efetiva na vida de adolescentes e jovens através de poemas e músicas. A escolarização da literatura ocorrerá de forma mais significativa para o aluno se a escola adotar posturas pautadas a partir da reflexão proposta por Silva (2009, p. 45):

Se o professor despertar a atenção do jovem leitor para a relação que existe entre o processo de construção do texto e seu significado, ele será capaz de apreciar mais intensamente as obras que ler e, mais do que isso, será capaz de prosseguir em seu percurso de leitor sozinho. Para que isso possa acontecer, porém, é preciso que o professor se assuma de fato como docente, ou seja, aquele que conduz. Conduzir não é cobrar, nem punir, nem intimidar. É andar junto. Um passo mais à frente, talvez, por já conhecer o caminho, mas permitindo ao grupo que lidera o prazer da descoberta de novas trilhas e novas paisagens.

Entretanto, se o ensino da literatura está pautado em atividades nas quais predominam as interpretações de textos que o livro didático apresenta, feitas a partir de fragmentos, e as atividades extraclasse, constituídas de resumos dos textos, fichas de leituras, cujo objetivo é responder questionamentos óbvios, reformular o final da história e recontar o texto com suas próprias palavras. O que se confirma é que ações assim atestam a falência do ensino da

literatura.

Para que a literatura possa encontrar espaço na vida do adolescente é necessário que a escola contribua com a efetivação da leitura literária exercida sem o abandono do prazer e com o compromisso de conhecimento que todo saber exige, colocando como centro das práticas literárias na escola a leitura dos textos, e não as informações das disciplinas que ajudam a constituir essas leituras, tais como a crítica, a teoria ou a história literária.

Ao impor determinadas “regras de leitura” não deixando circular adequadamente, dentro da escola, os objetos culturais existentes do lado de fora dos muros escolares, o professor destrói no aluno o desejo de ler e de se transformar em leitor, para transformá-lo num quase leitor. Ler não é apenas decodificar, é compreender e, mais ainda, é indagar, deduzir, inferir, associar, intuir, prever, concluir, discordar, concordar, acrescentar, selecionar, entre outras formas de interpretar, fruir e receber um texto. Só percebendo que a leitura possibilita tudo isso é possível para o leitor ter plena consciência da importância da leitura na sua formação intelectual, cultural e social.

Considerando esse contexto, é importante que o professor motive o aluno a expressar suas emoções, escolher e socializar suas próprias leituras. Conforme Magalhães (2009, p.153):

A literatura nos permite, de fato, vivenciar e (re)criar acontecimentos e experiências, sentimentos e emoções. Além disso, o texto literário apresenta uma natureza lúdica e convida o leitor a compartilhar do jogo da imaginação, da fantasia e ainda a brincar com as palavras. Em outras palavras, a experiência estética (como condição de compreender o sentido e importância social da arte) vivenciada na leitura de obras literárias aguça a imaginação, a sensibilidade e, pela catarse (experiência comunicativa básica da arte; o espectador não apenas sente prazer, mas também é motivado à ação) apura as emoções, além de promover a construção de conhecimentos, atitudes morais e éticas, ou seja, a literatura contribui, de fato, para a formação da cidadania, justificando, portanto, a sua necessidade no currículo escolar.



Se o objetivo é formar leitores capazes de experienciar essa autonomia e toda a força humanizadora da literatura, não basta apenas ler, mas construir os instrumentos necessários, os quais visem conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem. Nessa perspectiva, o professor precisa desempenhar um papel eficaz na construção de instrumentos indispensáveis na troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados. É necessário que a escola desenvolva metodologias apropriadas ao texto literário e não se limitem apenas ao livro didático. De acordo com os PCN's (1998, p. 27):

O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.

Nesse sentido, práticas escolares e o uso inadequado do Livro Didático de Língua Portuguesa (LDP) têm significado, com muita frequência, um entrave à fruição na leitura e à formação do gosto literário, quando não têm representado um desserviço à formação do leitor. A formação do leitor literário visa formar um leitor para quem o texto é objeto de intenso desejo, para quem a leitura é parte indissociável do jeito de ser e de viver.

## **METODOLOGIA**

O contato direto com livros, que apresentem os gêneros textuais evidenciados em um determinado momento de estudo na sala de aula, deverá ser um ponto chave para a realização de uma escolarização adequada da literatura. Tal contato deve ser mediado pelo professor, o qual deverá aproximar o aluno dos livros seja através da biblioteca da escola ou cantinho da



leitura na sala de aula, etc. É importante que seja disponibilizado um acervo diferenciado e vasto, para que as crianças, adolescentes e jovens façam sua própria escolha, possam folhear os livros, fazer diferentes leituras, interferir, sentir prazer. Assim, atividades de leituras tornam-se atraentes e não meramente impostas. Diante disso, o acesso de todos à literatura precisa ser desenvolvido de modo diversificado, categorizada de acordo com os gêneros literários obedecendo as funções e especificidades de cada um, situando os textos no tempo e no espaço através da interação do texto com o leitor. A este respeito, Rangel (2003 *apud* Paiva, 2003, p.138) apresenta as seguintes considerações:

O texto literário é indispensável para o ensino/aprendizagem da leitura e, evidentemente, para a formação do gosto literário, direito de todo e qualquer cidadão e dever do ensino fundamental. Não se trata apenas de incluí-lo na programação cotidiana, mas de lhe dar o devido destaque cultural e pedagógico, seja na criteriosa seleção do que se oferece ao aluno, que não pode deixar de lado a história e as características dos cânones, seja no tratamento didático dado ao estudo de texto, que não pode prescindir de atividades que desenvolvam adequadas estratégias de abordagem e processamento do texto literário.

Assim, o ensino da literatura torna-se significativo e pode ser compreendido a partir de práticas que visam o desenvolvimento do letramento literário. De modo que o diálogo estabelecido com o aluno quanto à seleção das obras a serem lidas pode propiciar uma vivência enriquecedora e uma possível garantia de uma boa leitura. Na perspectiva de Machado (2002), o professor pode desenvolver estratégias significativas de leitura a partir do variadíssimo patrimônio que a mitologia com suas histórias de deuses e deusas tanto encantam aos que com ela tem e tiveram contato. Para a autora:

Um professor criativo pode mobilizar sua turma durante muito tempo, procurando vestígios gregos e romanos no nosso dia a dia (do professor e do aluno). Não saber nada disso é uma pena. Aprender tudo depois de adulto é uma tarefa sem graça. Porque não é assim que deve ser, como se fosse um dicionário. Mas ir aos poucos, desde criança, se familiarizando com todas as histórias que estão no subterrâneo dessas referências, sem pressa, é um prazer e um enriquecimento para o espírito.



Negar isso às futuras gerações é um desperdício absurdo, equivale a jogar no lixo um patrimônio valiosíssimo que a humanidade vem acumulando há milênios (MACHADO, 2002, p. 30).

A ausência de possibilidades do aluno se familiarizar com as inúmeras descobertas, a plurissignificação que permeiam a linguagem literária deve-se estar associada à ineficácia da leitura, se não há de fato uma leitura eficaz, inexistente a interação, e considerando-se que a literatura só é concretizada na leitura, depara-se com um grande entrave para essa concretização, professores e alunos do ensino fundamental não leem ou leem pouco o que deveriam. A opção metodológica de ensino, seja ela qual for, deve estar comprometida com a formação de leitores competentes do mundo contemporâneo. Melo e Magalhães (1988, p.187), acreditam que:

Ocorrerá a formação de leitores, que tenham a literatura como um estudo significativo ao privilegiar a participação do aluno durante as diversas leituras possíveis de textos literários, pois, com tudo isso, o aluno poderá encontrar razões para o estudo da literatura como uma maneira artística que ‘ancora a realidade’ e valoriza o conhecimento do estudante. Dessa forma, as escolas não serão como ‘muros’ destruidores do desejo de ler, mas sim ambientes que formam leitores literários que saibam escolher suas leituras.

Uma mudança de perspectiva e de ação pedagógica é, porém, possível quando o professor do ensino fundamental tiver consciência da importância da literatura e para que serve o ensino da mesma, pois atendendo às práticas metodológicas da maioria dos professores, o ensino da literatura vê se romperem os canais de comunicação entre o patrimônio literário e o público estudantil, devido ao fato de que a sala de aula não está tendo um sentido significativo para a permanência do aluno em seu interior, e que o contato material com o livro precisa ser resgatado, pois, cuja rejeição traduz-se na não leitura e na experiência por outros meios de expressão, como o fascículo, revistas, resumos, etc. Esta



substituição fragmenta e descaracteriza a escolarização adequada da literatura.

As abordagens teóricas aqui postuladas ratificam que mudanças são necessárias nas propostas metodológicas desenvolvidas pela escola, no contexto atual. Ela precisa ser um espaço onde se consolida a abertura para outras vozes e dimensões do conhecimento, que ajudem a ampliar o mundo social plural dos sujeitos com múltiplos modos de compreender a realidade, de modo a discuti-la, organizá-la e senti-la.

É importante destacar que o ensino da literatura é indicador do processo histórico por reconhecer que a retomada de elementos históricos e o conhecimento sobre o sistema literário reforçam a leitura do texto literário como experiência estética, de modo específico o conhecimento de si, tanto do ponto de vista subjetivo como do pertencimento a uma história cultural e nacional. Isto não é possível quando o ensino de literatura segue uma visão pragmática e unidirecional que contraria o conceito de literatura. Conforme Cândido (1985, p.74):

A Literatura é, pois, um sistema vivo de obras agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da Literatura atuando no tempo.

A história interessa e deve estar presente para estabelecer vínculos com o contexto de produção, sistematizados pela sugestão de elaborar linhas de tempo, mas o critério estético, de contato vivo com a obra, deve ser a essência do trabalho com a literatura.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Propostas de sequências didáticas organizadas a partir da leitura e produção de textos



literários podem oportunizar: exposições, relatos e outras atividades que de acordo com a criatividade do professor dão ao aluno espaços para exercer sua imaginação e aprimorar a proficiência leitora, fazendo com que dentro do espaço escolar ele possa alcançar o desenvolvimento harmônico entre ciências e arte, razão e intuição. Isso é possível, e a literatura sugere caminhos para que o aluno se torne um leitor exigente e perspicaz, apto a fruir o melhor da literatura, pois leitura sem compreensão não é leitura. Para que isso possa acontecer, porém, é preciso que o professor se assuma de fato como docente, ou seja, aquele que conduz.

No que diz respeito à figura do professor, não é possível omitir que há pré-condição necessária: ele precisa ser, antes de tudo, um entusiasta da leitura, estar imbuído da necessidade de possuir também um repertório que dê credibilidade para as ações dos alunos. Logo, se ainda não se considera um leitor com uma história de leitura constituída, é preciso estar convencido da centralidade do texto literário em aulas de Língua Portuguesa, a fim de poder estimular seus alunos a participar da cultura de seu tempo e ter acesso aos diferentes bens culturais de seu entorno.

## **CONCLUSÕES**

Não é de hoje que a literatura assume um papel desfavorável no palco de nossas salas de aulas e que, especificamente, no ensino fundamental não estar sendo desenvolvida de forma a garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que humaniza e desperta o gosto pela leitura.

Deste modo, se a literatura continuar sendo apresentada pela escola a partir de descrições fragmentadas de autores e obras, é possível afirmar que a escolha ou o recorte do texto pode suprimir características que o autor conferiu ao texto que produziu, ocasionando assim a descaracterização da obra, contudo o texto lido em sala de aula se distancia do que lhe



deu origem. A facilitação da leitura literária, isto é, proporcionada pelos fragmentos de textos, em nada contribui para que o aluno, leitor em formação, se constitua em leitor proficiente. Isto dificulta a aproximação entre literatura e leitor porque se de um lado apresenta-se fragmentada, por outro continua ainda sacralizada, isto é, inacessível e distante do leitor, que se praticada de forma a não favorecer o diálogo e interação com o leitor destruirá a magia e a beleza da obra ao revelar os seus mecanismos de construção.

O fato de acreditar que a literatura para adolescentes e jovens abre possibilidades para o aluno ir se constituindo como leitor proficiente, não implica seguir propostas em que os envolvidos na sua execução se debruçam apenas sobre o livro e faça profundas conjecturas sobre o que lê ou ouve. Entretanto, uma vez respeitados a idade, o ritmo e o nível de aceitação da obra a ser lida, a história individual do leitor, por mais que ele seja ainda iniciante no processo de fruição do texto literário, será capaz de fazer ligações com o cotidiano, realizar inferências, isto é, atribuir sentidos ao que leu.

Nessa perspectiva, os leitores precisam dar respostas a um texto recomendando-o a alguém, retomando-o em um conversa, aprendendo algo, refletindo a respeito das questões que ele aponta e reavaliando ou reforçando suas condutas pessoais, debatendo sobre ele, escrevendo um novo texto, relacionando-o aos demais textos conhecidos, ocupando prazerosamente suas horas de lazer. É função da escola, em especial das aulas de literatura, ampliar a cultura de escrita e leitura literária dos estudantes.

## **BIBLIOGRAFIA**

BRASIL. *Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: língua portuguesa.* Secretaria da Educação Fundamental, Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. *Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa.* Secretaria da Educação Fundamental, Brasília: MEC/SEF, v. 2, 2001.



CÂNDIDO, A. O escritor e o público. In: CÂNDIDO, A. *Literatura e sociedade*. 7. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1985.

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. 2 ed, 1ª reimpressão. São Paulo: 2011.

MACHADO, A. M. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MAGALHÃES, H. G. D.; BARBOSA, E. P. S. *Letramento literário na alfabetização*. In: SILVA, W. R.; MELO, L. C. (Org.) *Pesquisa & ensino de língua materna: diálogos entre formador e professor*. São Paulo: Mercado de Letras, 2009;

MELO, L. C.; MAGALHÃES, H. G. D. A literatura em sala de aula: investigando materiais de apoio didático. In: SILVA, W. R.; MELO, L. C. (Org.) *Pesquisa & ensino de língua materna: diálogos entre formador e professor*. São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

RANGEL, E. O. Letramento literário de livro didático de língua portuguesa: “os amores difíceis”. In: PAIVA, A. (et al). *Literatura e Letramento: espaços, suportes e interfaces – o jogo do livro*. Belo Horizonte: Autêntica, CEALE/FaE/UFMG, 2003.

SILVA, V. M. T. *Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura*. 2 ed. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009.